

## **IDENTIDADE E MIGRAÇÃO: PADRÕES DE AFILIAÇÃO, PERTENCIMENTO E EXCLUSÃO EM *OS LONDRINOS SOLITÁRIOS*, DE SAMUEL SELVON E *A PASSAGEM FINAL*, DE CARYL PHILLIPS**

Denise Almeida Silva (UERGS/URI)

Este estudo analisa a construção ficcional da identidade do migrante em *Os Londrinos Solitários* (1956), de Samuel Selvon e *A Passagem Final* (1985)<sup>1</sup>, de Caryl Phillips. Ambos os romances enfocam a experiência da geração *Windrush*, recrutada das colônias para suprir mão de obra na Inglaterra do pós-guerra. Ressalta-se o espaço intersticial ocupado pelas comunidades migrantes, e estuda-se a construção da identidade nessas obras dentro do contexto das relações culturais, analisando-se as políticas de afiliação, pertencimento e exclusão implícitas na formação dessas comunidades diaspóricas.

Por sua natureza, a comunidade ocupa posição essencialmente ambígua: como parte do todo experimenta com ele uma relação dupla de pertinência e outridão, ocupando um espaço de contingência e indeterminação dentro do todo social. Torna-se impossível o estabelecimento de linha objetiva de separação: a comunidade é uma forma de agência que “vaza pelos interstícios da estrutura objetivamente construída e contratualmente regulada da sociedade civil” (BHABHA, 1998, p. 316). Ocupa um lugar eminentemente intersticial através do qual a diferença é construída, não de forma singular ou binária, mas a partir de um entre-lugar em que se constroem formas de identidade social que “devem ser capazes de surgir dentro-e-como diferença de um-outro” (id., p. 322). Através deste processo de hibridação forma-se um “terceiro espaço” que não pode ser confundido com espaços originais anteriores e que, deslocando as histórias que o constituem, gera nova estrutura (BHABHA. In: RUTHERFORD, 1996, 36-7).

Dado o caráter eminentemente híbrido da comunidade, falar em comunidades diaspóricas é de certa forma uma tautologia quando se define diáspora, como o faz Stuart Hall, “não pela essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma necessária heterogeneidade e diversidade, por uma concepção de ‘identidade’ que se constrói com e através, e não apesar, da diferença, pela *hibridação*” (1990, p. 119-20). Identidade, ou aquilo que somos, poderia com mais precisão ser definido como aquilo que nos tornamos: a identidade cultural não se forma no vácuo, nem é algo que transcende lugar, tempo, história ou cultura, mas um processo histórico, e como tal em constante transformação (id, p. 112).

Uma vez que o processo de negociação identitária necessariamente pressupõe certa ancoragem no passado, a questão da identidade migrante, especialmente no contexto pós-colonial, apresenta algumas peculiaridades interessantes. Como Bhabha lembra, o encontro do Ocidente com seus outros através de suas relações e possessões coloniais ocorre no momento em que nascem a modernidade e a democracia. Incapaz de conciliar democracia e solidariedade com domínio e conquista, o Ocidente deixa de escrever sua história como poder colonial despótico. Essa história silenciada, porém, é reinscrita pelos povos pós-coloniais, cujo retorno à metrópole muda suas ideologias culturais e tradições intelectuais através de questionamento da autenticidade autoridade das grandes narrativas metropolitanas de progresso, lei e ordem. Além de sugerir que essas narrativas não podem ser concebidas sem que se invoque a face oculta da missão civilizatória, a revisão efetuada

pelos excêntricos sugere também que “a linguagem dos direitos e deveres [...] deve ser questionado com base na situação legal e cultural discriminatória e anômala a que estão submetidos os migrantes [...] que se encontram do outro lado da lei” (In: RUTHERFORD, 1996, p. 40). Por outro lado, tendo herdado a língua, modelo educacional e estrutura administrativa da pátria-mãe, o migrante chega da colônia presumindo conhecer a pátria-mãe tão bem quanto os cidadãos lá nascidos.

A diferença entre a pátria imaginada e a Inglaterra real é um motivo comum na literatura de imigração inglesa. O processo de estranhamento a que são submetidos os parágrafos iniciais de *Os Londrinos Solitários*, que narram a chegada de imigrantes, põe em relevo o choque entre a Inglaterra como comunidade imaginada e a Inglaterra real que está para ser vivenciada pelos recém-chegados. Como percebida por Moses Aloetta ao se dirigir para a estação Waterloo, a cidade parece estar envolta por um manto de irrealidade. Contudo, os indicadores que fazem com que Londres pareça “algum estranho lugar de outro planeta” (SELVON, 1991, p. 7)—a neblina e as luzes que brilham indistintamente através dela ao entardecer—são traços típicos do cenário londrino. A estação de Waterloo, descrita pelo narrador onisciente de Selvon como “lugar de chegada e partida, (...) um lugar onde você vê pessoas chorando despedidas e beijando boas vindas” (p. 9) intensifica a sensação de deslocamento de Moses, que experimenta “saudades de casa nunca antes experimentadas em nove-dez anos no país”. O intenso movimento de ida e vinda de certa forma prenuncia o padrão de vida dos migrantes retratados no romance, caracterizados por extremo desenraizamento e mobilidade, como Bart e Captain, de quem se diz vaguear por Londres “movendo-se de um lugar para o outro semana após semana” (p. 48), “fazendo nada, tendo nada (...) fumando Benson e Hedges quando as coisas vão bem, se contentando sem fumar quando as coisas vão mal” (p. 44). Por outro lado, a ambiência da estação de Waterloo introduz a importância da comunidade na vida do migrante, uma vez que propicia o estreitamento de elos familiares (como quando a família de Tolroy chega à Inglaterra) e a acolhida a velhos conhecidos ou mesmo completos estranhos (como exemplificado pelo encontro de Moses com Sir Galahad).

Experiente e bem articulado, Moses é o exemplo mais bem delineado de uma rede de ajuda mútua dentro da comunidade, que se estende dentro e fora da Inglaterra, alcançando as Antilhas. Migrantes que, como Jackson, retornam à pátria de origem, fornecem nomes e endereços de pessoas que podem prestar ajuda na localização de moradia e emprego; em solo britânico, os recém-chegados são distribuídos pela cidade por residentes como o Samson, empregado no setor de bagagens da estação de King’s Cross, ou o próprio Moses (p. 8-9). A casa deste último se torna a um tempo hotel para os desabrigados, motel para os encontros ocasionais dos compatriotas sem teto, e ponto de encontro em que os migrantes se reúnem para comer e conversar. Esse trânsito acaba fornecendo o próprio motivo estruturador do romance, que é o somatório do relato das experiências de cerca de uma dúzia de migrantes cujas vidas se cruzam com as de Moses Aloetta.

Em contraste com o romance de Selvon, onde a identidade migrante é construída a partir da sobreposição de histórias individuais, *A Passagem Final* destaca um casal, Michael e Leila; a narrativa retrocede duas gerações, de forma a narrar a vida de seus avôs e pias, e suas influências na vida desses personagens. A escolha de um casal propicia a exploração das motivações, aspirações, ajustes e desajustes dessa população tanto através da ótica masculina como da feminina. A história de Leila é traçada a partir de uma linha

matrilinear que enfatiza o valor de comunidades femininas como fonte de auxílio e apoio mútuo entre as mulheres, tema bastante tradicional no romance negro e antilhano. Os valores que norteiam a vida de Michael originam-se em visão patriarcal na qual o homem, provedor da casa, reserva-se o direito de não compartilhar decisões com a mulher, e não lhe dever estrita fidelidade.

Estar na Inglaterra é para Michael e Leila uma questão de escolha. Ambos decidem emigrar movidos pelo desejo do sucesso, definido não tanto como bom êxito, mas como a impossibilidade de falhar. Este se torna um valor norteador para eles, como patenteado pela constante repetição de frases como a exortação da avó de Michael, “Não quero que você falhe” (SELVON, 1985, p. 110).

Mesmo concebido a partir dessa perspectiva negativa, sucesso tem significado diferente para cada um dos cônjuges. Para Michael é importante o sucesso material; para Leila sucesso está mais ligado à habilidade e possibilidade de estabelecer relacionamentos significativos. A diferença de perspectiva baseia-se não apenas numa característica de gênero, mas na experiência vital de cada um. Percebendo-se mal amada pela mãe, com quem não consegue manter comunicação significativa, física e psiquicamente desvalorizada por namorado anterior e repetidamente abandonada e abusada pelo marido, Leila sente intenso desejo de ser amada e valorizada como mulher e como filha. Sucesso—ou não falhar—significa para ela encontrar a mãe na Inglaterra, e finalmente romper a barreira do silêncio de forma a realmente repartir a Inglaterra com ela, numa comunhão não tanto do espaço, mas de pensamentos e sentimentos. Não falhar significa ainda para ela não somente mostrar à mãe que ainda está casada, mas tornar o casamento, ao qual a mãe se opusera, uma comunhão de corpos e mentes, partilhado e não apenas tolerado.

A importância da comunidade na vida de Michael e Leila está diretamente relacionada aos valores cultivados por cada um dos cônjuges. Leila, com sua ênfase no valor relacional, encontra na amizade feminina o apoio que lhe permite enfrentar as frustrações do casamento. Se em St Patrick é a amizade Millie que a conforta e a auxilia quando mais necessita, provendo-lhe companhia e pressionando Michael a reavaliar o tratamento que lhe dispensa, em Londres conta com a amizade de Mary. É essa vizinha branca que a leva a lugares de outra forma inacessíveis para ela; juntas compram roupas, tomam chá, conversam e riem. É Mary que empresta dinheiro a Leila para que compre agasalho para Calvin; é ela quem cuida da criança quando Leila trabalha, quem se preocupa com a saúde de Leila quando esta é abandonada por Michael e quem se faz presente, com toda a família, no enterro da mãe de Leila. Já Michael busca as amizades que o ajudarão a realizar seu sonho de sucesso. Embora tão decepcionado com o lugar que lhe serve de moradia quanto Leila, subempregado e discriminado no emprego, Michael não se permite replicar a experiência daqueles que “vem com nada de casa para ser ainda maiores nada” na Inglaterra (p. 167-8). Não contente com o emprego monótono e sem perspectivas obtido, desiste do trabalho e decide formar sociedade com Edwin em negócio próprio, embora tenha que admitir a Leila que ignora ainda o que fará. Não lhe interessa tanto o presente, como o futuro. Em contraste com Leila, cujo mundo praticamente se resume à família, Michael afasta o compromisso com a família de sua mente, uma vez que esta representa carga que dificulta sua concentração no ideal do sucesso. Procura, antes, a companhia daqueles que lhe ajudarão a construir um espaço na Inglaterra: busca a comunidade antilhana, indo ao recém aberto Clube Caribenho pouco depois de chegar à

Inglaterra; num gesto associativo, procurar a companhia das inglesas. Ambos encontram na comunidade antilhana na Inglaterra o apoio que lhes permite achar um teto para se abrigar quando de sua chegada; é ainda essa comunidade que lhes transmite as informações iniciais para que se localizem no novo ambiente.

Caryl Phillips ressalta a forte propensão associativa desses migrantes para com a Inglaterra. Mesmo antes que o navio *SS Winston Churchill* se afastasse do porto, Leila já olha a terra natal como “o país que *tinha* sido seu lar” (p. 20, grifo acrescentado). Sendo todos “da mesma bandeira, do mesmo império”, os migrantes imaginam que devem chegar já “meio-ingleses” (p. 142). Esse gesto afiliativo, baseado em uma meio cidadania, contudo, denuncia a fragilidade da construção dessa identidade inglesa. Outros gestos afiliativos são o cultivo da moda (ou o que os migrantes pensam ser moda) na Inglaterra, como quando Michael considera se deixar crescer bigode era moda na Inglaterra, ou tentativas de imersão na cultura inglesa, especialmente através da leitura, com destaque para a leitura da Enciclopédia Britânica. No convés do navio os migrantes concordam que a história da Inglaterra de Churchill é um clássico que todos conhecem, mas ignoram-lhe o nome<sup>22</sup>; os passageiros gabam-se de saber “tudo”, “e mais” e “muito mais” sobre a Inglaterra, mas definem a Revolução Industrial como um grande fato contemporâneo; discutem as atribuições do rei, sendo informados de que a Inglaterra é regida por uma rainha por compatriota que fora aluno externo da Universidade de Londres (SELVON, 1985, p. 140-2). Esse conhecimento presumido construído a partir de histórias ouvidas, reminiscências, leituras parcialmente entendidas acaba por produzir uma imagem tão pálida e distorcida da Inglaterra que poderia ser mais bem definida como um desconhecimento do país ao qual se dirigem. Ignorância da geografia britânica e do registro lingüístico apropriado é evidenciado através dos “endereços esperançosos” garatujados em maiúsculas na bagagem, como em:

ALPHONSO EDWARDES, SLOUCH, PERTO DE BUCKS, INGLATERRA,  
GRÃ-BRETANHA'. (...)  
'PROPRIEDADE DE LARRINGTON SEVILLE. A SER MANUSEADO  
COM CUIDADO. DESTINADO À FACULDADE DE DIREITO DE  
LONDON COLLEGE. LONDRES. INGLATERRA. MUITO OBRIGADO' (p  
10-11).

O fato de que Winston Churchill é por duas vezes mencionado em associação aos migrantes não parece ser mera coincidência. O primeiro ministro inglês à época da Segunda Guerra Mundial, sem dúvida um dos mais importantes líderes da moderna Grã-Bretanha, aderiu firmemente à “história Whig”, abraçando a crença do século XVIII e XIX de que a Inglaterra estava destinada à grandeza imperial, e de que toda a história britânica deveria ser vista como movendo-se para o cumprimento deste destino. Se o Império lhe era particularmente caro, o era como instrumento para garantir a grandeza de defesa da Inglaterra<sup>3</sup>; repetida e abertamente condenou a independência da Índia. Assim, a menção do nome de Churchill, que mesmo na política doméstica se opôs a idéias populares como melhoria na saúde pública e educação para a população britânica, sutilmente sugere que a esperança de dias melhores desses coloniais dificilmente virá a se tornar realidade. A descrição dos espaços que ocupam, como o convés que mais parece uma rua de uma favela, com roupas penduradas secando ao sol, ou a repetida descrição de sua bagagem—malas já muito gastas, a mala única que contém todos os pertences de uma família ou ainda

as caixas de papelão que fazem as vezes de mala—contribui para reforçar a impressão de que a pretendida riqueza na Inglaterra não passa de um sonho desses migrantes, alinhados no convés como se fossem o “elenco de uma opera trágica” (PHILLIPS, p. 139).

A cena do desembarque acentua diferenças, sendo a primeira e a mais visível das quais a diferença racial, mútua e imediatamente percebida tanto pelos antilhanos como pelos ingleses. A observação “Nunca vi tanta gente branca na minha vida” é contrabalançada pela compreensão de que o mar de faces brancas que os fitava provavelmente “nunca viu tanta gente de cor também” ( p. 142). A primeira visão da Inglaterra provoca em Leila uma sensação de vazio. Antes mesmo de registrar completamente o que é apreendido pela visão, percebe seu deslocamento, e intui que teria que construir uma nova identidade cultural. O novo país é descrito a partir das qualidades que deixa de possuir quando comparado à terra de origem:

Não havia montanhas verdes, não havia mulheres coloridas com cestas na cabeça vendendo amendoins ou bananas ou mangas, não havia arvores, nenhuma casa branca nas colinas, nenhuma colina, nenhum casa de madeira a beira mar, e o mar não era azul e não havia praia, e não havia nuvens, só uma grande nuvem, e eles tinham chegado ( p. 142).

Segue-se o desfile perante as câmaras de TV, cujas lentes registram tanto a diversidade cultural dos recém-chegados como sua pobreza: os lenços que envolvem as cabeças das mulheres e os chapéus Panamá e de feltro<sup>4</sup> dos homens, as anáguas rosa choque aparecendo por baixo dos vestidos curtos das mulheres, e os suéteres sem manga e coloridos e as shorts brancos com bolsos enormes que os homens vestiam.

O desfile ante as câmaras, brevemente enfocado por Phillips, é tematizado em *Os Londrinos Solitários*, em que se ressalta o papel da imprensa no fomento do preconceito racial. A defesa dos valores hegemônicos por parte da mídia branca é inicialmente exemplificada no episódio do jornalista que cobre a chegada dos migrantes. Interessa a ele investigar a situação na colônia e o motivo por que tantos se deslocam para a Inglaterra. Moses Aloetta astutamente evade a primeira pergunta, escolhendo falar não da condição sócio econômica, mas de furacão ocorrido recentemente na Jamaica; por outro lado, aproveita a pergunta sobre os motivos da imigração para rapidamente passar do comentário da falta de trabalho nas Antilhas para a situação de penúria do colonial na Inglaterra. É evidentemente interrompido pelo jornalista, que acha na tia de Tolroy uma interlocutora ingênua que não apenas lhe dá as respostas esperadas (“dizem que tem mais trabalho na Inglaterra, e salário melhor” (p. 15)), como ajunta toda a família para a foto que aparece no outro dia estampada no jornal acompanhada da manchete “Agora Famílias Jamaicanas Vem à Inglaterra”. Recém chegada da Jamaica, a tia de Tolroy não entende que a “boa pergunta” do cavalheiro destina-se a obter do próprio migrante evidência testemunhal da chegada em massa de coloniais negros, alimentando assim os temores e preconceitos da população branca.

O papel e modo de atuação da mídia em conflito de interesses com a comunidade migrante negra são contrastados com o modo de atuação de uma mídia informal. Oportunizando o encontro de recém chegados com conterrâneos já radicados na Inglaterra, a estação de Waterloo assume o papel de um jornal, proporcionado à comunidade antilhana

na Inglaterra contato de primeira mão com fatos acontecidos em seus países de origem, como neste típico diálogo:

‘Oi Watson! Que diabos você ‘tá fazendo aqui na Inglaterra, garoto? Por que não me escreveu que ‘tava vindo?’ E eles começavam um papo grande dos velhos tempos com os viajantes, descobrindo o que acontecia em Trindade, em Granada, em Barbados, na Jamaica e em Antigua, qual era o calipso da moda, quem tinha morrido, e assim por diante, e perguntando para desconhecidos coisas que eles não sabiam, como se conheciam a tia Simmons que mora em Labasse em Port of Spain, ou um cara chamado Harrison que trabalha na Red House (SELVON, p. 10).

Como descrita na colorida linguagem do narrador de *Os Londrinos Solitários*, trata-se de uma época

em que os ingleses parecem estar começando a fazer onda sobre quantos antilhanos estão chegando no país: era uma época quando pra qualquer lado que você se virasse um de cada dez era capaz de ser um negrão<sup>5</sup>. Na real, os garotos estão por toda Londres, não tem um lugar que você não ache eles, e tem uma grande discussão rolando no Parlamento agora sobre a situação, embora a velha Inglaterra seja diplomática demais pra reduzir a quantidade dos garotos ou fazer algo drástico como impedir que eles venham para a Pátria Mãe. Mas tem grandes manchetes nos jornais cada dia, e o que quer que os jornais e a rádio digam neste país, esta é a Bíblia do povo. Como uma vez quando os jornais disseram que os antilhanos pensavam que as ruas de Londres são calçadas com ouro e um cara foi falar com o pessoal do imposto de renda pra descobrir uma coisa e a primeira coisa que o funcionário diz é, ‘Vocês pensam que as ruas de Londres são calçadas com ouro?’ O jornal e a rádio governam este país ( p. 8).

Além de refletir a crescente insatisfação com a política de imigração “de portas abertas”<sup>6</sup>, a descrição chama a atenção para o fenômeno da migração ao reverso—agora são os coloniais que se dirigem a pátria mãe—através da inversão da lenda do El Dorado, sugerida pela frase “vocês pensam que as ruas de Londres são calçadas com ouro”. Originado da observação dos costumes dos Muisca, cujo corpo era recoberto de ouro durante cerimônias rituais, o termo El Dorado (o índio dourado), passou, por extensão, a designar o território mítico em que esse minério era achado com abundância, originando várias expedições européias a terras americanas. Embora a alusão às ruas de ouro metonimicamente sugira Londres como um lugar onde se pode ficar rico rapidamente, a insistência com que essa frase é repetida e a irritação evidente com que os ingleses a pronunciam tornam a expressão instrumental em denunciar o preconceito e o mal estar que aqueles sentem com a entrada em massa de imigrantes negros no país.

Dividida entre a população branca e negra, e obedecendo ainda divisões de classe em cada grupo, Londres se apresenta aos olhos do migrante como uma coleção de pequenos mundos com fronteiras rigidamente estabelecidas:

Londres é um lugar assim. Divide-se em pequenos mundos e você fica no lugar a que você pertence e você não sabe nada do que está acontecendo nos outros a não ser que você leia nos jornais. Os ricos que moram em Belgravia e Knightsbridge e na parte de cima de Hampstead e em outros lugares metidos a sebo, eles nunca acreditariam o que é um lugar aterrador como Harrow Road ou Notting Hill. Os que têm carro, que vão ao teatro ou ao balé no West End, que assistem *premières* com a família real, não sabem nada sobre correr pra conseguir comprar couve de Bruxelas e um quarto de quilo de batata, ou entrar na fila pra comprar peixe e batata frita debaixo de cerração (SELVON, p. 58).

Em *Os Londrinos Solitários* reservam-se aos negros subúrbios decadentes como as adjacências de Bayswater Road e de Charing Cross Road, Notting Hill, Ladbroke Grove, Clapham e Brixton, com sua grande concentração de jamaicanos. Contrastando com a Londres sombria que lhes serve de lar ou de local de emprego, os negros escolhem para seus momentos de lazer, como encontro de amigos ou flertes, os mesmos locais que atraem as simpatias dos londrinos, como Piccadilly Circus, Oxford Street, Marble Arch, (e especialmente da região do Orator's Corner) e o Hyde Park.

O preconceito latente ou explícito na geografia londrina é também explorado por Phillips em *A Passagem Final*. Não escapam a Leila as diferenças entre os espaços ocupados pela população branca e os reservados aos migrantes negros. Nas repetidas idas ao hospital em que a mãe definha, Leila observa que há áreas onde há muitos negros e outras em que há muito poucos; nota também que a sujeira, poluição e pobreza aumentam à medida que o ônibus se aproxima dos bairros onde moram os negros. Leila define o ser negro na capital da Inglaterra através do que a população de cor deixa de possuir quando comparada à população branca: “não tinham carros grandes, nem vestiam ternos ou carregavam pastas, e tinham um olhar triste e gelado” (p. 121). A procura por um lugar para morar faz com que ela se defronte com o preconceito racial mais de perto, seja através das variadas desculpas dadas pelos proprietários brancos ao contradizer a placa que anuncia quartos para alugar, ou através de placas que abertamente declaram “Não se aceitam pretos” ou “Não se aceitam pessoas de cor”.

Não admira, assim, que Londres pareça aos migrantes um lugar extremamente solitário. Como definida por Moses Aloetta, “é uma cidade solitária miserável, e se não fosse a gente se reunir de vez e quando e conversar sobre as coisas lá de casa, a gente ia sofrer o diabo” (SELVON, p. 114). O isolamento e abandono que a cidade provoca no migrante é amenizado através da formação de comunidades diaspóricas, onde encontra a amizade, apoio e respeito raros numa sociedade que apenas o tolera. Porém, mesmo dentro dessas comunidades percebe-se diferenciação, frequentemente baseada no poder aquisitivo. Recordando a pensão em que se sentiu acolhido quando chegou à Inglaterra, Moses recorda que havia “os caras de fê, que estavam realmente estudando uma profissão, mas havia também os caras que só estavam fazendo tempo e esperando para ver o que o amanhã traria” (p. 31).

Distinguem-se, assim, dois tipos de migrantes: os que vêm à Inglaterra com objetivo definido e os que vêm apenas movidos pela esperança de dias melhores. Esse raciocínio faz-se bem explícito na categorização do migrante feita por Galahad ao comentar o papel da imprensa na disseminação do preconceito contra o migrante:

‘O que eu me refiro, ‘Galahad diz, ‘é a impressão que a imprensa dá aos ingleses, sempre falando sobre os caras vindo para cá pra trabalhar e criar problema. Quer dizer, tem um monte de outros caras que vêm pra estudar e visitar etc. não tem só sem eira nem beira como nós’ (p. 117).

Outro fator diferenciador dentro da comunidade migrante enfocada no romance é a raça. Embora sejam todos migrantes negros, a maioria deles vinda das Antilhas, nuances de cor são assinaladas. Aos olhos de Moses, Bart, que “tem pele clara”, “não está nem aqui nem lá, embora ele esteja mais aqui do que lá” (p. 45). Essa não é, porém, a visão de Bart, que evita a companhia de pessoas de pele escura e, quando visto em público com eles, tenta dar a impressão de não pertencer ao mesmo grupo. Parece a Moses que assume um ar de quem diz: “Eu aqui com estes garotos, mas não sou um deles, olhem a cor de minha pele” (p. 47). Para os ingleses, porém, Bart é tão negro quanto qualquer outro, e o pai de sua namorada branca o expulsa de casa porque “não quer nenhuma criança de cabelo encaracolado na família” (p. 49). A adoção de uma escala que privilegia as tonalidades mais próximas à branquitude testifica a alienação cultural pela negação da própria cor; por outro lado, o contato com o branco destrói a imagem assimilacionista, fazendo com que o migrante se enxergue na sua negritude.

A adoção dos valores da sociedade branca é descrita por Frantz Fanon como estratégia afiliativa gerada pela própria sensação de deslocamento. Em contato com a sociedade branca, gera-se uma sensação de inferioridade que tem primariamente raízes econômicas, mas que reflete também a internalização da tese da inferioridade da raça negra—a “epidermalização” dessa diferença, no dizer de Fanon (p. 11). Uma vez subscrita essa tese, a adoção do estilo daqueles a quem julga culturalmente superiores torna-se forma ingênua de combater a percebida inferioridade:

Vestir roupas européias, trapos ou a última moda; usar mobília européia ou as fórmulas de interação social da Europa; adornar a língua nativa com expressões européias, usar frases bombásticas ou falar ou escrever a língua européia, todos esses contribuem para produzir um sentido de igualdade com o europeu e suas conquistas (WESTERMAN, apud FANON, p. 25).

Harris, cujo medo de rejeição o leva a assumir os costumes britânicos a ponto de parecer mais inglês que os próprios ingleses, tipicamente exemplifica essa assimilação. O personagem de Selvon

gosta dos costumes ingleses e tal, e fica todo polido e diz obrigado e se levanta no ônibus e no metrô pra dar lugar pras mulheres, que é uma coisa que mesmo os ingleses não fazem. E quando se veste, você pensa que é um inglês indo trabalhar no cetro, chapéu e guarda-chuva, e pasta enfiada debaixo do braço, com o *Times* dobrado de forma que o nome apareça, e ele caminhando todo erguido como se fosse a única pessoa viva no mundo. Só tem uma coisa: a cara do Harris é preta (p. 95).



Contrastando com Bart, que presume superioridade em relação a seus pares por causa de sua pele menos escura, Harris procura distinção com base no comportamento. A diferença traçada por ele entre a “gente decente”—seus “convidados ilustres”, todos brancos—e os amigos e compatriotas negros que autoriza a frequentar suas festas é, porém, uma estratégia de sobrevivência, uma vez que Harris faz das festas que organiza sua fonte de renda. Como percebido por Rahim (2005), as duas estratégias adotadas por Harris para ascender no rigidamente estratificado *status quo* —a mímica e a organização de versões turísticas das festas antilhanas— acabam por torná-lo a um tempo um mímico (no sentido empregado por Naipaul) e um embaixador da cultura antilhana, que é a fonte de sua insegurança.

A associação com a cultura local como estratégia de elevação ao nível da cultura hegemônica é exemplificada ainda através do fascínio incondicional pela metrópole. Face ao apagamento da originalidade cultural sofrida pelo colonizado, a elevação do nível primitivo faz-se na proporção em que os padrões culturais da metrópole são adotados (FANON, 1967, p. 19). Falando de um contexto das Antilhas francófonas, o psiquiatra martinicano descreve como a auto-estima do migrante colonial aumenta à medida que se distancia de sua terra natal: berço da cultura e da estrutura administrativa herdada pela colônia, a metrópole representa o Tabernáculo. Assim, o esmero com que Galahad se veste e o seu sentimento de bem estar ao caminhar nas ruas de em Londres “como um rei”, bem como a atração de Big City pelas cidades grandes são estratégias compensatórias através das quais estes personagens procuram contrabalançar a miséria em que vivem e o tratamento discriminante de que são alvo.

Ainda quando sutilmente disfarçada pela “velha diplomacia” inglesa, a discriminação se evidencia na delimitação dos lugares onde os negros são acolhidos. No ambiente do trabalho, reservam-se aos negros os piores e mais mal pagos empregos, e sua cor é discriminada na ficha de emprego para possibilitar ao empregador seleção prévia com base na cor. Na política habitacional a rejeição pode assumir tanto a forma de polida mentira sobre a não disponibilidade da residência a alugar quanto uma forma mais ostensiva, como na placa “Mantenha Bayswater Branca”. Nos lugares públicos, como nos bares a discriminação varia de um claro convite à retirada a um atendimento gélido.

Mesmo coloniais fascinados pela metrópole como Galahad têm sua confiança abalada quando compelidos a encontrar o olhar do branco. Seis anos depois do encontro com o fato da negritude descrito por Fanon<sup>7</sup>, o personagem de Selvon reencena o encontro com a menininha branca. Diferentemente do episódio escrito por Fanon, não há a tríplice renovação do convite por parte da menina, que apenas uma vez diz: “Mamãe, olha aquele negro!” Deixa de existir, conseqüentemente, o crescente desconforto do negro, intensificado a cada chamamento da menina. Por outro lado, como em Fanon, o homem de cor causa medo à criança, ainda que com uma diferença: o medo é provocado por carícia feita por Galahad na menina, ao invés de fundamentado apenas na visão do outro, como em Fanon. Galahad é chamado à prova sob a mais favorável situação possível: está em um dos locais que mais estimulam sua identificação com a cidade, a estação de metrô de Piccadilly, e é verão, quando o frio e a solidão da cidade grande são esquecidos e o migrante sente-se novamente acolhido em Londres. Ademais, o episódio acontece quando ele já estava bem familiarizado com a cidade. Ainda assim, evidentemente não escapa a ele o caráter discriminatório do encontro. Como explica Fanon a propósito do episódio narrado em seu

livro, o que causa medo à menina não é a pessoa física que vê à sua frente, mas as histórias, conceitos e preconceitos a partir dos quais sua pessoa é construída pela sociedade branca. Assim, o esquema racial se desintegra ante o esquema histórico-racial, e a imagem que impressiona a acriança não é a formada pelos sentidos, mas a que corresponde à formada por um esquema epidérmico-racial, que superimpõe uma imagem histórico-racial à imagem formada pelos sentidos (1957, p. 110-112). Embora Galahad se gabe de certa imunização de emoções por ocasião do episódio, confessa também que há momentos em que o peso acumulado das práticas discriminatórias pesa sobre ele. Tal como Moses, que percebe a irracionalidade da sobredeterminação da personalidade do negro com base no esquema epidérmico<sup>8</sup>, Galahad percebe a discriminação como tendo basicamente origem na cor. Num indicativo de seu deslocamento e alienação, concebe a si e a sua cor como duas entidades separadas. Num dos mais patéticos momentos da obra, lamenta que não possa ser branco, atribui à cor toda a razão de sua miséria, e associa à cor negra características usualmente associadas ao branco, como inocência e pureza:

‘Cor, você está causando tudo isso, você sabe. Por que diabos você não pode ser azul, ou vermelha ou verde, se você não pode ser branca? Você sabe que é você que causa toda a dor do mundo. Não sou eu, é você, você sabe! Eu não faço nada para encolerizar as pessoas, é você! Olhe pra você, tão preta e inocente, e agora causando dor em todo o mundo!’ (p. 72)

Uma terceira estratégia afiliativa é a valorização da mulher branca. De forma geral mulheres, especialmente em situação econômica superior a dos migrantes, e muito especialmente mulheres brancas, são vistas como indicador de sucesso, por limitado que possa ser. Daniel faz questão de levar mulheres brancas a concertos porque fica realizado ao fazê-las sentir que também os garotos negros podem levá-las a esses lugares (p. 43). Tanto o orgulho de Galahad depois de seu encontro com Daisy, a primeira mulher branca com quem tem relações, como os queixumes de Tanty quando Tolroy despreza a jamaicana bonita que Agnes lhe apresenta são duas faces da mesma moeda, sendo a expressão do desejo inconsciente de ser reconhecido não como negro, mas como branco. Incorporando a cultura e padrões de beleza brancos, a mulher branca funciona como seu símbolo: acariciá-la equivale a acariciar e apropriar-se da civilização branca e de sua dignidade (FANON, 1967, p. 63).

Por outro lado, mulheres brancas de alta posição procuram os migrantes antilhanos com base no conhecimento estereotípico do primitivismo e potência do homem negro. Mais uma vez acentua-se o papel da mídia como formadora de opinião. As mulheres que procuram o homem negro não o vêem como pessoa, mas como instrumental em lhes provocar prazer, fazendo-as experimentar sensações imaginadas a partir de filmes e romances. Como Moses pondera,

não adianta assumir um sotaque britânico (...) ou falar que está estudando medicina em Oxford ou tentar ser educado e civilizado elas não querem esse tipo de coisa elas querem que você viva como nos filmes e histórias que elas escutam sobre os negros primitivos morando nas selvas é por isso que você vê tantos caras na cidade com o cabelo tão alto como se não cortassem a cabeleira

por anos e com uma cicatriz na face e uma expressão feroz andando com essas gurias da alta quanto mais grosso você for mais elas gostam de você (...) Moses perguntou para uma gata uma noite e ela falou pra ele como os garotos negros são tão maravilhosos e como causam uns arrepios que ninguém acredita (p. 92)

O conhecimento estereotípico da mulher branca, que transforma o homem negro em objeto de desejo é focado em *A Passagem Final* a partir da perspectiva de Leila. A atração da mulher branca pelo negro representa uma ameaça para ela, ainda quando aquela mantenha relacionamento ocasional com seu marido, motivado pelo motivo de explorar o corpo de Michael “como se fosse um condado da Inglaterra nunca antes explorado” (p. 194).

A mulher branca representa um enigma para Leila desde sua infância em St. Patrick. Como Millie, pensa que aquela se comporta de maneira estranha, o que é exemplificado através da descrição do ritual do bronzamento, que parece a Leila a manifestação de um ilógico e impossível desejo da mulher branca de ser negra. Já na Inglaterra, a imagem da mulher branca que a enganara quando ainda menina, levando-a a acreditar que lhe ofertava um doce quando na verdade lhe estendia a mão vazia, conflitua com a imagem de Mary, cuja amizade não pode realmente negar.

Bastam a Leila cinco meses para que a tendência integrativa manifestada por ela quando da decisão por imigrar se desfça. Uma vez que sua imigração é, em grande parte, causada pelo desejo de que o Velho Mundo lhe oportunize um recomeço de suas relações com a mãe e com o marido, a morte daquela e o fim do casamento retiram a motivação para sua estada na Inglaterra. A nova gravidez e o desemprego aumentam seu sentimento de deslocamento. Embora tente, é-lhe naturalmente difícil imaginar quando poderá ser “feliz na Inglaterra com duas crianças, e nenhum pai, e pouco dinheiro” (p. 194). Seu senso de deslocamento é dimensionado pelas repetidas visitas que faz ao cemitério, numa tentativa inútil de forjar elos familiares já agora impossíveis de virem a se tornar reais. Seu isolamento e outridão é ainda dramatizado na cena em que o filho lhe pede que confirme a identidade de Papai Noel. Ao mesmo tempo em que confirma que o homem de barba branca, bigode, roupa vermelha e cara vermelha é o Papai Noel, aflora-lhe à mente a pergunta: “Por que Papai Noel é preto?”, logo substituída pela afirmação “Ele deveria ser de cor. Por que Papai Noel não é de cor?” (p. 202-203). A pergunta, que repete exaustivamente, sugere não apenas a valoração da identidade branca como a situação desvalida do negro, não identificado com aquele que traz presentes e recompensas aos reconhecidamente bem comportados e bons.

Ao início do romance, o movimento integrativo de Leila é simbolizado por sua escolha de levar o mínimo possível de St. Patrick na única mala que carrega para Inglaterra. No final da obra, a decisão de queimar todas as posses adquiridas na Inglaterra expressa sua rejeição do país que não pode legitimamente chamar de lar. Ainda que o preço de deixar a Inglaterra seja o abandono definitivo de Michael e a certeza da previsibilidade rotineira da vida em St. Patrick, Leila decide voltar para sua pequena ilha, onde sabe que tem pelo menos dois amigos, embora permaneça em aberto, ao fim do romance, se o retorno efetivamente terá lugar. A expressão de não pertencimento expressa pela mãe

de Leila quando da primeira visita da filha ao hospital (“Leila, filha, Londres não é meu lar” (p. 124)) poderia ser tomada para definir o sentimento da protagonista com relação à vida na Inglaterra nesse momento.

Mesmo quando percebida pelo migrante como o não-lar, seja por sentimento extremo de abandono, seja pelo deslocamento causado pela percepção dos contrastes com o país de origem, a Inglaterra deve ser construída como o lugar de habitação, por temporário e frio que possa ser. Em *Os Londrinos Solitários* as repetidas advertências “Londres não é como Port of Spain “ (p. 21), “aqui não é a Jamaica, e Londres não é como Kingstown” (p. 58) ou ainda: “aqui não é como lá em casa, que a gente tem amigos em toda parte” (p. 114) têm a função de instruir a população antilhana quanto a assuntos que vão da natureza dos relacionamentos sociais—superficiais e impessoais, quando comparados com companheirismo e apoio mútuo típicos das sociedades de origem—à discussão dos direitos da mulher. Assim, mais do que o estabelecimento de uma diferença trata-se de ajudar aqueles que oscilam entre a cultura antilhana e a inglesa a construir padrões de conduta compatíveis com o novo espaço cultural em que se movem. A natureza do lugar ocupado por essa população é exemplarmente simbolizada pela mercearia freqüentada por Tanty, cujo proprietário é compelido a aceitar que suas clientes antilhanas adotem sistema de crédito similar ao adotado nas Antilhas, ou ainda pela alusão à Festa de Harris como Saltfish Hall em Londres<sup>9</sup> (p. 99). Em *A Passagem Final*, a habilidade de construir esse espaço híbrido—o terceiro espaço de que fala Bhabha—é, em grande parte, responsável pelo sucesso dos protagonistas. Motivado a evitar o fracasso, Michael preserva sua tendência afiliativa, e se esforça para construir seu espaço, movendo-se entre a comunidade diaspórica antilhana e a inglesa. Já Leila, para quem os atrativos da Inglaterra haviam desaparecido, fecha a mente para o país em que vive. Tendo já em pensamento deixado a Inglaterra para trás, Leila concentra-se no passado, buscando fatos que atestem a superioridade de sua pequena ilha em relação à Inglaterra, como o pão deixado na soleira das portas ao alcance dos cachorros. Projeta também o pensamento para o futuro, quando voltará a habitar lá, relegando o presente a ponte entre esses dois momentos.

Como reavaliada por Selvon e Phillips, a chegada da geração *Windrush* à Europa torna visível a diferença entre a Inglaterra como país imaginado e a Inglaterra real, destruindo a ficção da metrópole como pátria-mãe. Há, concomitantemente, o desnudamento da ilusão do conhecimento presumido da Inglaterra, e o questionamento do real *status* do cidadão colonial em solo britânico. Este processo se faz particularmente intenso pela situação temporal que serve de fundo a ambos os romances, caracterizado pelo impacto causado pela chegada de migrantes em massa, que torna visível aos olhos dos ingleses população de que antes tinham apenas conhecimento intelectual. Este encontro provoca o acirramento do preconceito contra eles, e origina medidas de restrição/contenção com relação a essa população. A adoção de estratégias afiliativas favorece a construção de nova identidade cultural na Inglaterra, uma vez que estas facilitam o processo de transição do colonial da cultura de origem para seu novo espaço cultural. Nada, porém, tem importância mais decisiva do que o apoio prestado pelas comunidades diaspóricas que, assistindo o migrante desde o processo da chegada, provêem o apoio logístico e humano de que necessita para construir um espaço na nova realidade com que se defronta.

## NOTAS:

<sup>1</sup> Face à não disponibilidade de *Os Londrinos Solitários* (*Lonely Londoners*) e *A Passagem Final* (*The Final Passage*) em português, os títulos desses romances bem como todas as citações destas obras, bem como de todas as outras em original inglês, são tradução desta autora.

<sup>2</sup> Os migrantes referem-se à história da Inglaterra escrita por Churchill como *Historia do Povo Inglês*, quando na verdade o título é *História dos Povos de Língua Inglesa*. A famosa *História Eclesiástica do Povo Inglês*, escrita por Bede, que certamente deveria ser do conhecimento dos migrantes devido aos moldes britânicos adotados pela educação na colônia, pode ter gerado a confusão. Em sua ânsia afiliativa, ao apagar do nome do livro de Churchill a expressão “povos de língua inglesa”, os migrantes omitem a descrição que mais propriamente permitiria a eles serem incluídos na história escrita por Churchill.

<sup>3</sup> O discurso “Combateremos nas Praias” (“We Shall Fight on the Beaches”), proferido a 4 de junho de 1940, ilustra este ponto, como evidencia a famosa frase: “ (...) nunca nos renderemos, mesmo se (...) esta ilha (...) fosse subjugada (...) então nosso império além mar, armado e guardado pela Marinha Britânica, levaria avante esta luta até que, no tempo determinado por Deus, o Novo Mundo, com todo o seu poder e força, marchará avante para socorrer e libertar o Velho Mundo”

<sup>4</sup> Chapéu de feltro- no original *trilbys*

<sup>5</sup> A palavra traduzida por “negrão” é *spade* no original. Em seu sentido primário *spade* refere-se a espadas, do naipe de cartas, cuja aparência preta e pontuda lembra a cabeça dos imigrantes negros. O termo, naturalmente, era considerado ofensivo

<sup>6</sup> A Lei da Nacionalidade Britânica de 1948 confirmava o direito de entrada em solo inglês dos cidadãos das colônias, que eram considerados cidadãos ingleses

<sup>7</sup> Refiro-me ao encontro do negro com a menina como narrado em *Pele Preta Máscaras Brancas*, cuja primeira edição data de 1952—seis anos antes, portanto, da primeira edição de *Os Londrinos Solitários*, em 1956.

<sup>8</sup> Instruindo o recém chegado Galahad sobre a vida em Londres, Moses explica a ele que os ingleses não gostam da população de cor, dizendo: “(...) eles não gostam de gente preta, e não me pergunte por que, essa é uma questão que gente com o cérebro bem maior do que o meu está tentando resolver há muito tempo” (p. 23).

<sup>9</sup> Como explicado no próprio romance, *Saltfish* é o nome de um lugar em uma das pequenas ilhas do Caribe em que havia uma placa na qual estava escrito: “Lave Seus Pés e Entre”. Ao lado da porta havia dois baldes com água, com a qual os trabalhadores que vinham do campo limpavam os pés antes de entrar no salão (p. 99). Assim, a referência a *Saltfish Hall* sugere ajuntamento que abriga a quem quer que dele queira participar

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CHURCHILL, W. We Shall Fight on the Beaches. In: *Selected Speeches*. Washington, DC: The Churchill Center, n.d. Disponível em < <http://www.winstonchurchill.org/i4a/pages/index.cfm?pageid=393>>. Acesso em: 28 abr. 2006.

FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. New York: Grove Press, 1967.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diáspora. In: MONGIA, Padmini (ed.). *Contemporary Postcolonial Theory: A Reader*. London: Arnold Hodder, 1990. p. 110-121.

---

PHILLIPS, Caryl. *The Final Passage*. New York: Vintage, 1985

RUTHERFORD, Jonathan. O Terceiro Espaço: Uma entrevista com Homi Bhabha. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 24, p. 35-41, 1996.

RAHIM, Jennifer. (Not) Knowing the difference: Calypso overseas and the sound of belonging in selected narratives of migration. *Anthurium*. V. 3, n.2, Fall 2005. Disponível em: [http://scholar.library.miami.edu/anthurium/volume\\_3/issue\\_2/rahim-notknowing.htm](http://scholar.library.miami.edu/anthurium/volume_3/issue_2/rahim-notknowing.htm)> Acesso em: 02 abr. 2006.

SELVON, Sam. *The Lonely Londoners*. Toronto: Tsar, 1991.